A ANÁLISE DOS OLHARES DOS SUJEITOS DO PROEJA SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA INTERVENTIVA COM PROJETOS CRIATIVOS ECOFORMADORES

DAMAZO, Natália Alzira[1], AGUIAR, Paula Alves[2], PEREIRA, Giselia Antunes[3]

Resumo:

A Educação Ambiental sócio crítica é conhecida pelo seu engajamento político na construção de uma sociedade justa, sustentável e democrática. A perspectiva da cidadania tem importância fundamental na educação ambiental. Os Projetos Criativos Ecoformadores (PCE's), apoiam-se também nesta perspectiva de educação onde o indivíduo adquire uma visão ampla do seu papel como cidadão. Apoiada nesses dois referenciais, o objetivo geral da pesquisa que originou este texto foi: investigar uma experiência interventiva em educação ambiental, baseada na metodologia dos Projetos Criativos Ecoformadores - PCE´s, sob olhar dos estudantes do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA do Ensino Médio do IFSC câmpus São José - CSJ. A pesquisa desenvolvida seguiu a abordagem qualitativa e se caracterizou como um estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados foram feitas observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Os principais autores utilizados para o embasamento teórico e para o debate sobre educação ambiental foram Reigota (1995); Sato (1997) e Guerra (2001). Sobre os conceitos de Projetos Criativos Ecoformadores os autores de apoio foram Zwierewicz e Torre (2009). Outro aspecto também discutido no referencial foram especificidades dos sujeitos do PROEJA, que teve como principal referencial Oliveira (2001). Este artigo tem a finalidade de contribuir no balizamento de uma Educação Ambiental crítica através do PCE's, contribuindo para disseminar essa perspectiva. Os resultados da pesquisa indicam que o projeto de educação ambiental analisado apresentou outro olhar para os estudantes do PROEJA que participaram da proposta interventiva, os quais aprenderam e ensinaram a partir da experiência educativa vivenciada.

Palavras-chaves: Educação Ambiental. Projetos Criativos Ecoformadores. PROEJA

[1] Acadêmica do curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase em Formação de Professores IFSC- CSJ

[2] Professora doutora do Instituto Federal de Santa Catarina - Orientadora

[3] Professora doutora do Instituto Federal de Santa Catarina - Coorientadora

1 Introdução

A aprendizagem se inicia quando ainda somos crianças e continua durante toda a nossa vida (DIDONET, 2009). Isso abre caminho para que qualquer tipo de pessoa possa ser fruto de processos cognitivos que não exclusivamente são determinados pelo ensino formal.

Ainda são disseminados socialmente preconceitos e estigmas que residem na suposição de que o domínio dos conhecimentos básicos do ensino fundamental e médio só podem ser adquiridos na infância e na adolescência e/ou juventude e, caso não tenham sido feitos, não serão mais adquiridos na vida adulta. Contudo, segundo Oliveira (2001), não existem fundamentos científicos relevantes que defendam tal suposição e faltam teorias do desenvolvimento que abordem exclusivamente o desenvolvimento do adulto.

O caso estudado neste texto, optou-se por analisar uma experiência interventiva de duas disciplinas do componente curricular e o projeto proposto pelos estudantes da primeira turma do curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em Formação de Professores do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, Câmpus São José - CSJ (2017/1), para ser desenvolvido em uma turma do Programa de Integração entre a Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA do curso de Operador de Computador na mesma instituição. A escolha do PROEJA se deu, pois acreditava-se que essa era a modalidade educativa, ofertada no Câmpus São José, que mais se poderia contribuir naquele momento com conhecimentos sobre educação ambiental, por possuírem algumas experiências de vida, diferente dos alunos no ensino regular.

O projeto desenvolvido foi denominado de “Alimentação e Ambiente: reunião de sabores”, nele defendia-se que o mundo vivido é quem nos ensina as cores, sons, sabores, cheiros, tato, sendo estes os sentidos que alimentam a sensibilidade e percepção, ou seja, nosso primeiro contato com o mundo se dá por estes meios (DUARTE, 2010).

O objetivo geral da pesquisa que originou este texto foi: Investigar uma experiência interventiva em educação ambiental, baseada na metodologia dos Projetos Criativos Ecoformadores - PCE´s, sob olhar dos estudantes do Curso de Formação Inicial em Operador de Computador PROEJA Ensino Médio do IFSC-CSJ. Para atingir esse objetivo maior foram estabelecidos os objetivos específicos, que

pretendem: (i) Identificar o perfil dos alunos Curso de Formação Inicial em Operador de Computador PROEJA Ensino Médio do IFSC-
CSJ participantes do projeto de intervenção: “Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores”; (ii) Analisar como ocorreu o desenvolvimento deste projeto com base no olhar sobre educação ambiental dos alunos do PROEJA participantes; (iii) Identificar as memórias e as influências resultantes da intervenção do projeto de educação ambiental para os estudantes do PROEJA envolvidos.

Para atingir esses objetivos, optou-se por utilizar na pesquisa uma abordagem qualitativa. Bogdan e Biklen (1994, p.49) descrevem que “uma abordagem de investigação qualitativa nos pede que o mundo seja analisado com a ideia que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo”.

A metodologia de investigação utilizada pode ser caracterizada como uma estudo de caso do tipo etnográfico, pois analisou uma prática educativa realizada em um contexto específico. Partiu-se da perspectiva de André (2008), a qual considera que a etnografia que se tem em educação é uma adaptação dos estudos da antropologia, o que favorece o entendimento. Por estes motivos o estudo pode ser denominado como do tipo etnográfico.

É possível dizer que este estudo possui características etnográficas, pois utilizou técnicas que tradicionalmente são elencadas a etnografia, ou seja, a observação participante (durante o desenvolvimento do projeto), coleta de dados e análise documental (do projeto e dos registros oriundos das práticas feitas com os estudantes do PROEJA, principalmente da avaliação do projeto registrada em forma de Pão-por-Deus[4]). Estes instrumentos de coleta de dados foram registrados e utilizados para a compreensão da ação educativa desenvolvida no projeto de intervenção.

Nas indicações sobre a pesquisa etnográfica, o tempo de permanência no campo pode variar de dias a anos. No caso deste trabalho, as intervenções e coleta de dados ocorreram durante três semanas, juntamente com o desenvolvimento do

[4] A origem das palavras Pão por Deus vem da necessidade do homem de invocar a partilha do pão necessário ao corpo e ao espírito. Nos Açores a expressão Pão por Deus, expandiu-se como forma de expressar o sofrimento dos colonizadores. Os pedidos de Pão por Deus, quase sempre eram feitos em papel dos mais diferentes tipos, geralmente composta de uma ou mais estrofes, quase sempre de quatro versos. Um dos motivos pelos quais o Pão por Deus foi desaparecendo, deve-se ao alto índice de analfabetismo no Brasil. Apesar disso, essa tradição não desapareceu. Esses versos continuam vivos na memória do povo do litoral catarinense (MANNRICH,2003).

projeto, já os outros dados foram coletados somente após meses das intervenções iniciais, sendo realizadas entrevistas com os sujeitos do PROEJA buscando compreender e conhecer as memórias e os sentidos daquela experiência educativa para o seu processo formativo.

No entanto, para que se discuta e analise a educação ambiental nos âmbitos da vivência humana dos estudantes, é necessário que se faça a utilização da análise documental, partindo inicialmente das constatações e explicações dadas às diversas vicissitudes da realidade com as respostas da avaliação do projeto e das entrevistas. Nesse caso, é necessário que ambas as partes deem argumentos válidos e juízos lógicos acerca das temáticas propostas, principalmente quando estas surgem dos clamores sociais.

No caso desta pesquisa as categorias de análise e interpretação que contribuíram para fazer o recorte dos dados da entrevista, envolveram três dimensões, que incluíram: i) memórias vinculadas à alimentação; ii) mudanças de hábitos decorrentes da vivência do PCE's e iii) multiplicação ou disseminação desse saber.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas onze meses após o início do projeto, tendo sido feitas pessoalmente no próprio IFSC- CSJ. Esta se deu em decorrência da disponibilidade de horário apresentada pelos estudantes investigados.

Por ser uma pesquisa caracterizada como estudo de caso do tipo etnográfico, não se pode deixar de considerar a participação da autora da pesquisa durante todas as etapas do projeto "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores", como estudante da especialização, a qual também atribuiu sentidos e significados a partir daquela experiência. A aproximação e o contato com os sujeitos da pesquisa durante o projeto, facilitou a aproximação e a confiança dos alunos do PROEJA no período de realização das entrevistas e em todo o processo de coleta de dados. Segundo Zago (2003), a realização de entrevistas que sejam significativas para os sujeitos e possibilitem alcançar os dados esperados nas investigações, estão mais relacionadas a interação, proximidade e familiaridade dos sujeitos com o pesquisador do que o domínio de técnicas procedimentais das entrevistas.

Para melhor compreensão do artigo, o texto está dividido em seis seções, onde a primeira seção iniciou este trabalho apresentado pela introdução, a segunda discute conceitos fundamentais sobre os PCE's, a terceira seção situa a relação dos PCE's com o IFSC-CSJ, a quarta seção refere-se a sistematização e contextualização

do projeto “Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores” e de como ele foi desenvolvido durante os encontros, a quinta seção é a análise dos dados da pesquisa e seus resultados e, por fim, a sexta seção encerra o trabalho com as considerações finais.

2 Educação Ambiental e PCE’s: perspectivas e aproximações

Os projetos de intervenção desenvolvidos na perspectiva dos PCE’s apresentam o princípio da ecoformação como uma de suas dimensões. A ecoformação é como uma ação formativa que integra tanto o sujeito quanto a sociedade e a natureza, indo além da individualidade. Segundo Moraes e Torre (2004, p.21), a ecoformação nada mais é que a:

> [...] transposição para a educação dos princípios do olhar transdisciplinar. É a interação das pessoas com seu entorno humano e natural, de forma sustentável. É a formação em ação contextualizada e integrada no meio familiar, escolar, social e ambiental [...]

É apresentada, dessa forma, como uma formação integradora, transdisciplinar “[...] incluindo o meio natural do qual fazemos parte [...]” (TORRE *et al*., 2007, p.47). Corroborando com a perspectiva ecoformadora, alinha-se a visão de educação ambiental defendida por Reigota (2010), no qual ultrapassa os aspectos puramente biológicos e naturais e incorpora os aspectos antropológicos, culturais, econômicos e políticos.

Os PCE’s buscam adentrar aos espaços educativos para “[...] contribuir para a formação integral em um contexto de conhecimento e respeito ao ser humano e seu equilíbrio com a natureza” (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p.174). De acordo com os mesmo autores, os projetos de intervenção na perspectiva dos PCE’s, almejam que o ensino seja desenvolvido por meio da transdisciplinaridade. A perspectiva de educação ambiental defendida neste trabalho, segue os mesmos passos, observando que a temática ambiental requer um enfoque que congrega profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Trabalha-se por contextualização temática, ou seja, com a integração entre as disciplinas referentes a algum tema/temática/assunto, de forma contextualizada e com a realidade dos alunos, almejando propor um ensino que tenha significado para

o estudante. A ideia dos Projetos Criativos Ecoformadores (PCE´s) surge a partir de reflexões e de perspectivas de inovação no processo de ensino aprendizagem, utilizando a integração e a relação do indivíduo com a sociedade, com a natureza, com o bem estar pessoal, social e planetário (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009).

A proposta de utilização dos Projetos Criativos Ecoformadores busca possibilitar que os alunos sejam autônomos e, portanto, autores da própria história. A partir dessa proposta metodológica podem-se fazer correlações com a pedagogia libertadora de Freire (2015) e de outros estudiosos já trabalharam com a temática da pedagogia de projetos e até hoje são reconhecidos e implementados:

> No século XX, recorriam aos projetos estudiosos como Montessori, Freinet, Makarenko. Na década de 1960, com a pedagogia libertadora de Paulo Freire, surgiram os temas geradores, contribuindo significativamente ao debate sociopolítico nos processos escolares. No construtivismo, defende-se o Método de Projetos como estratégia de atividade cognitiva (ZWIEREWICZ; TORRE, 2009, p. 155).

O alcance dos trabalhos dos Projetos Criativos Ecoformadores vai para além do Ensino Básico e se aplica também em outras modalidades e níveis de ensino (SASSET, 2016; DITTRICH, 2016; ZWIEREWICZ, 2014). Uma das experiências com os PCE's no ensino superior é realizada no IFSC/CSJ nos estágios do curso de Licenciatura em Química e no curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase em Formação de Professores, como a experiência relatada neste texto.

3 PCE's no IFSC câmpus São José

O caminho metodológico dos Projetos Criativos Ecoformadores teve sua origem na proposta das Escolas Criativas que é o resultado dos estudos do Grupo de Pesquisa GIAD da Universidade de Barcelona - Espanha e gradativamente foi incorporada nas propostas pedagógicas de escolas espanholas e brasileiras. Santa Catarina tem como instituição pioneira a Escola Barriga Verde, com o Núcleo de Pesquisa de Práticas Pedagógicas Criativas e Inclusivas, criado no Centro Universitário Barriga Verde (Unibave) no município de Orleans. A experiência com a Escola Barriga Verde serviu de referência para a inserção de uma proposta compatível com as necessidades educacionais do contexto brasileiro. Das reflexões dos coordenadores da proposta Torre e Zwierewicz, germina o referencial

metodológico da Escola Criativa para o contexto brasileiro, o qual recebeu o título de Projetos Criativos Ecoformadores PCE´s.

No IFSC/CSJ essa proposta metodológica iniciou-se através de estudos do grupo de pesquisa denominado Grupo de Estudos e Pesquisa Identidade e Formação Docente (GRIFO[5]) onde uma de suas linhas de pesquisa é o ensino e aprendizagem de ciências da natureza, a qual realiza investigações sobre os projetos criativos ecoformadores. Como resultado dos estudos desse grupo de pesquisa, que procura articular suas investigações com trabalhos de ensino e extensão, foram elaborados trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização, apresentações em eventos científicos e publicação em revistas científicas. Os PCE's desenvolvidos no e pelo IFSC/CSJ têm contribuído para a organização de práticas inter e transdisciplinares neste espaço educativo. Uma dessas experiências, realizada pela primeira turma de especialização em educação ambiental com ênfase em formação de professores, será sistematizada neste texto.

4 Sistematização do PCE's "Alimentação e Educação Ambiental: reunião de sabores"

Esta seção tem basicamente dois objetivos: relatar uma experiência prática, através dos PCE's e refletir acerca dos seus sentidos para os sujeitos participantes. A ideia de desenvolver o projeto com os estudantes do PROEJA foi construída a partir da proposta dos cinco professores que lecionavam as disciplinas de Currículo e Educação Ambiental e Práticas Educativas em Educação Ambiental de forma interdisciplinar.

No início dessas disciplinas, ofertadas na segunda fase do curso, os professores fizeram a proposta de que a turma de especialização em educação ambiental com ênfase em formação de professores de 2017/1 definisse um tema para construir um projeto criativo ecoformador e percorrer ao longo do desenvolvimento das duas disciplinas. Dentre os temas apresentados e discutidos estavam: i) gênero e educação ambiental; ii) trabalho e educação ambiental; iii) alimentação e educação ambiental; iv) resíduo e educação ambiental. Após intensos debates em sala, o tema

[5] Site do grupo de pesquisa https://wordpress.sj.ifsc.edu.br/sel /; http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9520171163685211#linhaPesquisa

escolhido foi “Alimentação e Educação Ambiental”, com enfoque nos resíduos produzidos na alimentação. Após a definição tema foi necessário a definição de quem seriam os sujeitos do projeto, considerando que ele deveria ser realizado no IFSC/CSJ. Depois da apresentação de todos os cursos ofertados no câmpus, de todos os possíveis sujeitos, incluindo os diferentes servidores do câmpus, a turma escolheu quase que unanimemente por desenvolver o projeto de intervenção em uma turma do PROEJA. A motivação para a definição dos sujeitos se deu, pelo fato de a turma acreditar que eram aqueles que mais poderiam contribuir no sentido de promover reflexões e questionamentos sobre o tema “Alimentação e Educação Ambiental”.

Com a definição do tema e dos sujeitos, na sequência das ações foi necessário conhecer mais a proposta educativa do PROEJA no câmpus, refletir sobre quem seriam seus sujeitos para iniciar a reflexão sobre como se organizariam os encontros. Dessa forma, foram analisados pelos alunos da especialização o Projeto Pedagógico de Curso - PPC do PROEJA do IFSC/CSJ e realizada uma entrevista com a coordenadora do curso. Além dos dados sobre os sujeitos, para fundamentar a construção do PCE’s, foram feitos estudos e reflexões pela turma da especialização sobre o tema alimentação e meio ambiente. Como a turma da pós-graduação, responsável por construir coletivamente o PCE’s, era composta por 23 alunos, foi feita uma divisão em subgrupos para realizar determinadas tarefas e demandas. Para a socialização das demandas e dificuldades eram organizadas rodas de conversa com toda a turma, para finalmente, sistematizar os resultados. Esta forma de organização e planejamento do PCE’s, culminou com a escrita do projeto, que em sua estrutura apresentou introdução, legitimação teórica e pragmática, itinerário detalhado das ações acompanhado de cronologia (sequência didática), objetivos, perguntas geradoras e avaliação. Com o projeto organizado, deu-se início as atividades previstas e o primeiro objetivo era cativar os estudantes do PROEJA a participarem da proposta.

No primeiro encontro do dia dois de junho de 2017, realizamos o epítome do projeto de intervenção, que foi o ponto de partida, no qual se prendia com a intencionalidade de conhecer os sujeitos e nos deixar conhecer por eles, através de recados/convite confeccionados pelos próprios estudantes da pós-graduação no formato de Pão-por-Deus (re)memorando costumes antigos do povo açoriano que colonizou a grande Florianópolis. Com essa ação, almejou-se criar um momento

fundamental de conquista para as futuras etapas do projeto. O epítome é uma mescla entre realidade (agora) e perspectivas de futuro (próximos passos do projeto), ajudando a perceber os desafios e projetar possibilidades.

De acordo com Zwierewicz (2014, p. 69), o epítome almeja provocar “um encantamento sobre a aprendizagem, pois ajuda a mover o(a) estudante que se sente impactado pela realidade, com a qual se conecta, por meio da situação criada para iniciar o projeto”. A escolha por apresentar no projeto as questões típicas da cultura açoriana ocorreu, pois em entrevista realizada com a coordenadora do curso de PROEJA, ainda na fase de construção do PCE’s, foi evidenciado que a turma que participaria do projeto tinha um significativo número de alunos haitianos e que era importante um trabalho de aproximação do restante da turma com eles. A ideia era apresentar a cultura local e buscar conhecer a cultura deles, a partir de seus relatos sobre os hábitos alimentares.

A entrega do convite para o primeiro encontro se caracterizou como o epítome do projeto, pois havia o desejo dos estudantes da pós graduação em inserir e provocar um encantamento sobre a temática “Alimentação e Ambiente” nos estudantes do PROEJA. Na sequência, e a seguir a entrega dos convites, foi dado início ao encontro com alunos, durante todo o período noturno de aula, que ocorreu no dia nove de junho de 2017, onde a cultura, a ciência e a culinária estavam presentes e foi desta forma que houve a sensibilização dos estudantes do PROEJA a continuar a caminhada do PCE’s.

Nesse encontro, além de uma sopa feita pelos estudantes e professores da especialização juntamente com comidas típicas açorianas oferecidas à turma do PROEJA, foram realizadas “contação” de história das Bruxas da Ilha de Santa Catarina, debate sobre o tema alimentação e meio ambiente, além de uma pequena entrevista e de conversas com os estudantes buscando identificar suas memórias com relação à alimentação, para que esses alimentos fossem produzidos no encontro de polinização. Logo após as apresentações foram emergindo perguntas geradoras, estimulando a criatividade e a própria atitude indagadora, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas como: reconhecer, identificar, observar, analisar, transformar, avaliar e criar.

Cabe ressaltar que o ambiente (cozinha coletiva do câmpus) foi cuidadosamente preparado e decorado, para que os estudantes do PROEJA se sentissem à vontade para expressar seus sentimentos e suas memórias sobre a

alimentação. Além disso, toda a alimentação oferecida buscou minimizar a quantidade de resíduos, como por exemplo: a não utilização de utensílios descartáveis e o destino dos resíduos de cascas das frutas e verduras à compostagem. Essa questão também foi problematizada com os alunos participantes.

É importante destacar que no primeiro encontro, nem todos os estudantes da turma do PROEJA participaram do evento. Os estudantes presentes relataram que o restante da turma ausente imaginou que o encontro seria algo cansativo como uma palestra. Na polinização, porém, quase a totalidade da turma se fez presente.

No dia vinte e três de junho de 2017, foi dado início a polinização que é um processo constante, onde o saber é fecundado e o projeto se desenvolve, dando vida a proposta inicial. Segundo Zwierewicz (2014, p. 76), a polinização é a socialização e "[...] difusão dos resultados do projeto no entorno em que foi desenvolvido e em outros contextos, dando vida à proposta matricial, de tal modo que as ideias e valores sigam ativos em outras comunidades, escolas, pessoas". A ideia é que os resultados do projeto e conhecimentos desenvolvidos sejam compartilhados na comunidade escolar, para que não fiquem restritos apenas aqueles que participaram da proposta educativa. As atividades desse dia duraram todo o período noturno de aula e decorreram no espaço de convivência do Câmpus já que esse possuía maiores instalações.

Neste último encontro realizamos três oficinas que apresentaram um grande significado, pois muito dos alimentos que consumimos é através das mãos de agricultores que as plantam, cultivam, colhem até chegar à mesa do consumidor:

1- *Plantio de mudas frutíferas dentro do câmpus:* Esta oficina foi dividida em dois momentos. No primeiro momento houve a preparação e escolhas das mudas e no segundo momento foi realizado o plantio juntamente com o grupo de alunos do PROEJA e da especialização. Foram selecionadas 10 mudas de árvores frutíferas para serem plantadas e distribuídas dentro das dependências do IFSC/CSJ. A escolha das mudas foi decorrente dos dados indicados em entrevista pelos alunos do PROEJA, ainda lá no dia do epítome, pois elas eram resultados das memórias dos pés de fruta dos quais tinham contato na infância. Antes do efetivo ato de plantar, houve um momento de conversa sobre a relação da árvore com o ambiente, onde foram emergindo alguns questionamentos sobre: o local ideal para o plantio de uma árvore, a sua importância e também a necessidade de preservação ambiental e

cultural de pequenos agricultores rurais e pescadores artesanais. Após o debate foi realizado o plantio das mudas.

2- *Plantio de mudas medicinais:* Nesta oficina aconteceram dois momentos distintos, no primeiro momento, foram organizadas as mudas e identificadas, sendo acondicionadas em recipientes feito com material reciclável. Também foi utilizado para o plantio, terra da composteira produzida no IFSC/CSJ. No segundo momento, foi realizada a oficina com os alunos no pátio. Durante o processo, a troca de conhecimentos foi efetiva com os estudantes, comentários sobre as plantas que conheciam e para que cada uma servia. Algumas mudas foram plantadas no jardim do IFSC/CSJ. Durante este processo foi notório que alguns alunos do PROEJA possuíam alguma experiência com plantação e dando orientações básicas. Ao final cada aluno que participou da oficina levou uma planta como recordação, as demais plantas foram distribuídas entre o restante da turma. Almejava-se que assim fossem multiplicadores junto à sociedade e seus familiares e amigos.

3- *Memória e alimentação:* Esta oficina, diferente das outras, aconteceu dentro da cozinha da sala de convivência. Foi realizada em conjunto, entre os alunos do PROEJA e da pós-graduação, e teve como base os alimentos citados pelos alunos do PROEJA como sendo os alimentos que remetiam a sua infância. A proposta era que durante a preparação dos alimentos os alunos dos dois níveis de ensino compartilhassem ideias e receitas em meio a recordações, memórias e o resgate de uma culinária usual, visando à combinação de saberes tradicionais, saberes práticos e de uma forma sustentável para o destino de rejeitos, orientada ao bem comum e à estabilidade ecológica do planeta.

Inicialmente as oficinas aconteceram concomitantemente, compondo assim a primeira parte do encontro da noite. Já na segunda parte do encontro da noite de polinização, todos os grupos voltaram a se encontrar no centro de convivência onde estava a decorrer a terceira oficina.

Em cada oficina os estudantes do PROEJA dividiram seus saberes com os estudantes da pós graduação e vice e versa. Foi realmente uma construção de saberes onde cada um podia e tinha a liberdade de se expressar.

Após a realização das oficinas, foi feita uma roda de conversa para a socialização das práticas vivenciadas, pois a turma do PROEJA foi dividida em grupos e cada grupo participou de uma oficina diferente. Nessa conversa final foi realizada a avaliação do projeto, onde os estudantes do PROEJA foram convidados a escrever

um Pão-por-Deus expressando o significado do projeto para eles. Esses relatos do Pão-por-Deus serão analisados na próxima seção deste texto, pois assim como as entrevistas realizadas como fonte de dados para esta pesquisa, demonstram o significado dessa experiência para esses estudantes[6]. A investigação da frutificação das ideias, ou seja, dos seus efeitos para os estudantes participantes mesmo após a realização do projeto, ocorreu no dia vinte de abril de 2018, após aproximadamente onze meses do primeiro encontro. A ideia da entrevista era a de verificar, se de alguma forma as ideias e valores seguiram ativos neles, se houve de fato a polinização do conhecimento por parte dos alunos do PROEJA, pois uma parte significativa das grandes ideias têm vida curta, porque não germina em um sistema que possibilita sua continuidade. Por isso, é importante compartilhar o projeto e os resultados que estimulem sua sequência, entendendo-se portanto, que é preciso polinizar para seguir adiante. É o que fica depois do término do projeto (ZWIEREWICZ, 2014).

5. O PCE's: Alimentação e ambiente - reunião de sabores, pelo olhar dos alunos do PROEJA

Após o relato reflexivo sobre como aconteceu o desenvolvimento do projeto "Alimentação e ambiente: reunião de sabores", busca-se analisar a partir dos registros feitos nos Pães-por-Deus e nas entrevistas semiestruturadas realizadas posteriormente com os estudantes do PROEJA, se o seu objetivo foi alcançado. O objetivo geral do PCE's analisado compreendia a intenção em despertar o sentimento de profundidade das relações da alimentação com as culturas humanas, compreendendo o envolvimento do indivíduo enquanto parte integrante do ambiente. Diante desse objetivo do PCE's, acresce a seguinte inquietação: Será que o projeto contribuiu para provocar mudanças na consciência ambiental dos alunos do PROEJA? Qual a relevância do projeto de intervenção para eles?

De certo modo, algumas das respostas a esses questionamentos já puderam ser encontradas no curto tempo do desenvolvimento do projeto (PCE's). A

[6] Sobre esse momento final do projeto, é importante salientar que após a escrita dos Pão-por-Deus como forma de avaliação do projeto, um estudante do PROEJA, que é pescador, foi espontaneamente até seu carro, pegou peixes que tinha pescado e distribuiu aos seus colegas. Segundo ele, esse era o Pão-por-Deus que gostaria de ofertar, fruto de seu trabalho, para contribuir com a alimentação saudável dos colegas e para continuar disseminando o sentimento de partilha que a vivência no projeto propiciou.

partir dos dados coletados nas avaliações escritas nos Pães-por-Deus, verificou-se que, quando a subjetividade do indivíduo veio à tona, ele por impulso de sua racionalidade respondeu a partir de suas vivências próprias, demonstrando relação entre os temas discutidos no projeto e suas experiências cotidianas. Os significados atribuídos às vivências do PCE's tornavam-se evidentes em suas falas. Essa constatação pode ser percebida a partir do relato:

"Eu adoro aprender, já planto, tenho horta e adorei muito os encontros. Obrigado" (sem identificação[7] - recado do Pão-por-Deus). Por esse relato infere-se que o aprendizado desse estudante a partir do projeto foi significativo, o que possibilita afirmar que a escola ao adotar uma metodologia crítica-reflexiva como o PCE's, pode contribuir para desenvolvimento do ser humano e para que as práticas pedagógicas ultrapassem os limites da sala de aula.

Fato que também se verificou na fala de outro estudante, obtida em entrevista:

> Um dos alimentos presentes em nosso projeto que mais me marcou foram os potes com mel e melado. Hoje planto em minha casa cebolinha, alface, pezinhos de tomate. Depois do nosso encontro comecei a reaproveitar o óleo, falei para minha filha que recém casou, reciclar os materiais. Comentei sobre o que fizemos aqui no projeto, tenho um filho de dez anos e expliquei sobre a importância de cuidar 6 do meio ambiente (Entrev. Renato[8] PROEJA - 20/04/2018).

Mesmo tendo ficado um longo tempo distante da escola, os estudantes do PROEJA estão inseridos na sociedade, participam de diferentes práticas e possuem distintas visões sobre o meio ambiente e a vida. Ao ouvir as vozes desses alunos e dar visibilidade às diferentes práticas ambientais que participam, pode-se contribuir para desmistificação de posicionamentos "etnocêntricos". Existe, dessa forma, a possibilidade de mudar paradigmas e conhecer práticas ambientais que poderiam passar como invisíveis pela escola (OLIVEIRA, 2001).

A fala do estudante relatada acima demonstra como ele faz várias práticas ambientais e como, a partir do projeto, também quis ser um educador ambiental para seus familiares, polinizando o conhecimento. Ao conhecer as práticas de cuidado com o meio ambiente que ele já fazia e apresentar outras possibilidades e reflexões sobre

---

[7] No Pão-por-Deus era opcional a identificação dos estudantes

[8] Optou-se por colocar nomes fictícios na identificação dos participantes da entrevista para preservar sua identidade

a relação com os resíduos e alimentação, foi construído com o estudante novos sentidos para essas práticas cotidianas.

O confronto de culturas e o encontro de singularidades, como destaca Oliveira (2001) ao comentar sobre as aulas na EJA, ocorreu a partir das atividades dialógicas desenvolvidas entre os ensinamentos dos estudantes do PROEJA e os da turma da especialização. Essa ação coletiva de aprendizado mútuo, contribuiu para demonstrar que a educação ambiental efetiva-se a partir do conhecimento das práticas sociais já desenvolvidas pelos diferentes sujeitos, problematizando-as e aprofundando-as com o auxílio do conhecimento científico, como preconizou Freire (2015).

A fala da estudante Vera, mesmo após onze meses de desenvolvimento do projeto, demonstra que quando a aprendizagem é significativa a polinização se transforma em algo natural. Fazendo com que aquelas ações fossem significativas para ela, pois oportunizaram uma maior consciência sobre a sua relação com o meio ambiente. Outra questão que merece destaque em sua fala é o fato de ter afirmado que a turma do PROEJA ficou mais unida depois do projeto, o que também ocorreu com a turma da especialização. Vera afirmou:

> Lembro de tudo. As coisas naturais foi muito bem aproveitado (não comprar tudo pronto) incentivar os hábitos mais naturais. Hoje planto em minha casa aipim, batata doce, couve, espinafre, salsinha, cebolinha, beterraba. Eu já tinha práticas de reciclagem e compostagem antes, mas depois do projeto continuei ainda mais. A turma do PROEJA naquele momento se uniu. Surgiram muitos comentários sobre o projeto (Entrev. Vera - Aluna do PROEJA - 20/04/2018).

Percebe-se que a construção de conhecimentos foi coletiva, realizada entre quem elaborou o projeto e quem o vivenciou, articulando conhecimentos da vida cotidiana e os escolares. Acredita-se que, dessa forma, pode-se romper com visões dominantes e naturalizadas sobre o meio ambiente e problematizar os conceitos e ações desenvolvidas, já que todas as visões são apenas uma forma parcial de compreender a complexidade do ambiente em que estamos inseridos. Os problemas ambientais são originados da relação do ser humano com a natureza e com outros seres humanos, estando relacionado com o desenvolvimento socioeconômico e político (CARVALHO, 2011; REIGOTA, 2010).

Outro estudante do PROEJA destacou: “Sem palavras, todos são ótimos atenciosos. O projeto foi maravilhoso, estou bem mais entusiasmado em continuar no

PROEJA” (Renato - Aluno do PROEJA - recado do Pão-por-Deus). Neste caso percebe-se que se faz necessário respeitar os estudantes do PROEJA participantes do projeto, para que possam revelar "suas capacidades e sua personalidade, sem afastar-se de uma finalidade social e humana mais ampla” (SAMPAIO, 1994, p.45). Quando o aluno se sente parte da escola, pertencente a esse espaço, contribui-se para sua permanência e continuidade nos processos de escolarização.

Os adultos, por terem vivido várias experiências, adquirido diferentes conhecimentos e apresentarem distintos pontos de vista sobre si e sobre o mundo, trazem consigo “diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem”.

Para uma outra estudante do PROEJA o que mais a marcou e “[...] tocou, foi que vocês não só ensinaram, mas deixaram a nossa turma fazer parte do projeto de vocês! Obrigada mesmo” (Regina - Aluna do PROEJA - recado do Pão-por- Deus). Por esse recado percebe-se que a construção de projetos como esse, contribui com a sociedade, que terá em seu meio um indivíduo que consegue unir o que aprende na escola com o que vive fora dela.

Nesse sentido, uma das questões centrais do debate no campo da educação ambiental, gira em torno da ampliação da esfera da ética, agora também ecológica, através da promoção de uma mudança cultural. Nos dias em que os estudantes do PROEJA e da especialização estiveram juntos percebeu-se que existe, por parte deles, uma preocupação com o ambiente ao seu redor, como se pode evidenciar pelo recado no Pão-por-Deus, “respeito às culturas e consciência ambiental somos todos parte de um todo” (sem identificação- recado do Pão- por-Deus).

O Princípio nº 4 do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (LA ROVÈRE, VIEIRA, 1992), faz uma menção sobre a articulação da educação ambiental com a mudança social, defendendo inclusive um determinado ponto de vista político junto com as forças sociais. Esse debate também esteve presente nos relatos, segundo um dos alunos: “que essa união seja de colocar as diferenças de lado, e colocar o melhor de cada um, para que se possa melhorar a nós todos” (Edilson - Aluno do PROEJA- recado do Pão-por-Deus). Infere-se, pelos relatos, que o projeto de intervenção atingiu seus objetivos, já que a função social da educação ambiental numa perspectiva crítica está

voltada à transformação das injustas e das condições sociais. Como ressalta Reigota (2012, p.13) “análise das relações políticas, econômica, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação de mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação”, a educação e principalmente a Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social (REIGOTA, 2012; FREIRE,1992; LA ROVÈRE, VIEIRA, 1992;). Essa perspectiva ideológica e política esteve presente na maior parte das falas dos estudantes do PROEJA na polinização e mesmo nas entrevistas realizadas posteriormente.

A transformação das práticas pedagógicas no ambiente escolar, no sentido de serem reflexivas, é ainda um processo que desafia a grande maioria dos professores. Como já apontado por Guimarães (2004), o modelo tradicional de ensino de transmissão de conteúdos ainda é muito forte e certamente mais profundamente inserido no ideário e nas atividades pedagógicas dos professores que se debruçam sobre a Educação Ambiental. Com isso, transformar a teoria e os discursos em ações pedagógicas crítico-reflexivas ainda é um grande obstáculo. Por isso, emerge a necessidade de novas metodologia e novas pesquisas no campo da educação, em especial a Educação Ambiental.

Os PCE’s vêm ao encontro desse clamor da pesquisa em educação, pois através das conversas, das entrevistas e dos recados (Pão-por-Deus), observou-se uma grande preocupação com a natureza, mas também com o bem estar social, com a manutenção e respeito às diferentes culturas. Parte dessa relação da educação ambiental aqui defendida, também vivenciada no projeto de intervenção é potenciada pela metodologia dos PCE´s, conforme expressou uma aluna em entrevista:

> Das marcas que tive no projeto, foram as comidas como a sopa de legumes e o pão colorido da colega Claúdia. Hoje não planto alimento em casa, mas mudei algumas coisas. Vi como se faz renda (nunca tinha visto) algumas plantas e seus benefícios. Marcou-me a união da turma. Os recadinhos dos pão por Deus, achei bem legal. Depois disso, falei para alguns familiares sobre a compostagem que aprendemos.Hoje faço a separação do lixo (Entrev. Maria - Aluna do PROEJA -20/04/2018)

Diversos trabalhos no campo ambiental (REIGOTA, 1995; SATO, 1997, 2002; GUERRA, 2001) indicam essas contradições nas práticas de que as atividades de Educação Ambiental, na maioria das escolas, seguem uma “pedagogia tradicional” (GUIMARÃES, 2004), uma vez que são realizadas de modo pontual (datas

ecológicas, palestras, etc) e de forma fragmentada, conteudista, com pequeno envolvimento comunitário. Já para a metodologia que insere os PCE's, esta tarefa fica de certo modo menos difícil, pois a ideia é que os estudantes aprendam e levem este aprendizado para além dos muros escolares. No espaço entre a polinização e a entrevista final foi possível verificar um (re)encantamento e muitas memórias positivas dos encontros. Cabe salientar que em nenhuma das entrevistas ou recados deixados nos Pães-por-Deus, percebeu-se uma avaliação ou comentário negativo relacionado ao projeto, mesmo cientes de que ações educativas possuem inerentes necessidades de melhoria face ao seu contínuo aprimoramento.

Para Guimarães (2004), a perspectiva conteudista e fragmentada deixa o educador preso a uma "armadilha paradigmática" que o incapacita a ter práticas diferenciadas e o torna reprodutor. Cabe aos lugares de formação e aos educadores ambientais que nela militam buscar construir metodologias que possibilitem uma outra perspectiva, a qual nos remete às finalidades e princípios da educação ambiental.

Essa parte da reflexão crítica dos educadores que estão no cotidiano das escolas, para que juntos, num movimento, de teoria e prática, ação e reflexão, criem possibilidades de práticas diferenciadas de uma Educação Ambiental crítica, que acredita ser capaz de contribuir na transformação da realidade socioambiental e que repercuta em todos os ambientes tanto o educativo quando o social.

No projeto investigado, os alunos do PROEJA passaram a ser desafiados, olhando para seus comportamentos e o comportamento dos outros com um olhar focado nas relações entre o ambiente, a alimentação e os resíduos. Os dados analisados neste texto demonstram que o projeto buscou possibilitar com que os estudantes potenciassem suas aprendizagens, a partir das suas experiências, identidades de memórias e a subjetividade de cada um. Isto lhes deu de certa forma uma autonomia, para responderem as questões de modo livre, a partir de um diálogo mais aberto com mundo em que vivem. Desse modo, os alunos puderam desenvolver o conceito de autoria a partir das oportunidades educativas vivenciadas (CASSIANI e NASCIMENTO, 2006; GIRALDI, 2010, FLÔR, 2009).

Para Zwierewicz e Torre (2009), ao fazer com que os estudantes realizem apenas atividades cumprindo regras e prazos, fazendo tudo isso mecanicamente, se oferece uma forma limitada de atuações e habilidades, além de desfavorecer o desenvolvimento integral do indivíduo, dificultando que ele seja autor de suas próprias histórias. Ao descreverem de modo subjetivo suas experiências com seus próprios

resíduos e seu cuidado com a alimentação e o meio ambiente, os alunos do PROEJA adquiriram, a partir dos dados analisados neste texto, capacidade crítica-reflexiva mais apurada, pois passaram a olhar a realidade ao seu redor, fazendo com que se unisse a teoria – ou teorias – científica, com o seu dia-a-dia, permitindo assim uma aproximação maior entre técnica e vida, entre teoria e atividade prático-vivencial.

No mesmo sentido dos colegas, outro estudante, também aponta em entrevista, quais mudanças aconteceram decorrentes do trabalho do PCE's em seu cotidiano:

> Das comidas que comemos durante nossos encontros, marcou-me muito a sopa de legumes e o caldinho de feijão. Atualmente, separo os orgânicos e a partir dos encontros passei a produzir uma horta no canteiro da minha casa. Minha filha está fazendo o curso de especialização em educação ambiental. Sim, mais consciência em preservar e refletir sobre as coisas. Além disso, hoje não jogo o óleo na pia (Entrev. Edilson - Aluno do PROEJA - 20/04/2018).

Através das falas dos estudantes do PROEJA entrevistados e que responderam o Pão-por-Deus, foi verificado que o conhecimento adquirido foi também ensinado para familiares, amigos e vizinhos. Além disso, durante um bom tempo, os encontros foram sendo discutidos entre os próprios estudantes, reconhecendo assim que a escola não é o único local de aprendizado e que o processo educativo não se inicia nem se esgota no espaço escolar. Com base nesta pesquisa, percebeu-se que se torna fundamental dialogar com o conhecimento que as pessoas têm acerca do ambiente, aprendido informalmente e empiricamente em sua vivência e prática social, respeitando-as, questionando-as, levando-as a repensarem o aprendido. Enfim, possibilitando que elas formulem e expressem suas ideias e descobertas, e elaborarem os seus próprios enunciados e propostas.

6. Considerações Finais

Antes mesmo de aprender as primeiras letras ou qualquer outra coisa, a primeira leitura que se tem é a do ambiente ao redor. Essa leitura está carregada de percepções que vão adquirindo significados e cuja compreensão vai sendo compreendida através das relações sociais, primeiro no universo restrito da casa e da família e, posteriormente, em outras relações sociais que se estabelecem. Paulo Freire (1983, p. 11) diz que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele."

Os estudantes do PROEJA investigados, apresentaram uma análise de ambiente muito além do que se imaginava no início do PCE's. Eles ensinaram durante todo o período do projeto. Este período mesmo sendo curto, conforme se pôde observar pelas entrevistas, foi significativo para eles, pois muito do que foi vivenciado durante o projeto, ainda se encontrava vivo em suas memórias e os conhecimentos foram germinados e polinizados a outros sujeitos envolvidos em suas convivências, tais como seus vizinhos, amigos e familiares.

A escolha de fazer o PCE's com os alunos do PROEJA foi feita, pois pensava-se que era a modalidade de ensino que mais poderia contribuir, já que estavam retornando ao espaço educativo, após se ausentarem por um longo período do ambiente escolar e apresentarem posições diferentes sobre educação ambiental. Porém, para a surpresa dos acadêmicos da especialização, as oficinas propiciaram muitos aprendizados para os alunos do PROEJA, mas também muitos aprendizados para os estudantes realizadores que passaram a conhecer mais sobre alimentação e educação ambiental nesse processo interativo. Além do mais, as duas turmas (do PROEJA e da especialização) ficaram mais unidas após essa experiência de compartilhar, partilhar e construir saberes.

7 Referências bibliográficas

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**.70.ed. Lisboa, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora,1994.

CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CASSIANI-SOUZA, S.; NASCIMENTO, T. G. Um diálogo com as Histórias de Leituras de futuros professores de ciências. **Pro-Posições,** Campinas, n. 1, v. 17, p. 105-136, 2006.

DIDONET, V. Educação infantil para uma sociedade sustentável. **Revista Pátio - Educação Infantil**. São Paulo, nº 18, 2009.

DITTRICH, M. G. **O Protagonismo de Quem se Transforma para Transformar**: Experiências inovadoras da Educação Básica e do Ensino Superior. Imprensa Jivas Editores-Impressores, La Paz - Bolívia, p. 83-85, 2016.

DUARTE JR., J.F. **O sentido dos sentidos:** a educação sensível. 5.ed. Curitiba: Criar Edições Ltda. 2010.

FLÔR, C. C. **Leitura e formação de leitores em aulas de Química no Ensino Médio**, 2009, 235f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. 9° ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1983.

GIRALDI, P.M. **Leitura e escrita no ensino de ciências: espaços para produção de autoria**. 2010, 350f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P.P. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004, p. 25–34.

GUIMARÃES, M. **A formação de Educadores Ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

GUERRA, A.F.S. **Diário de Bordo: Navegando em um Ambiente de Aprendizagem Cooperativa para Educação Ambiental**. Florianópolis, 2001. 336 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de PósGraduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,2001.

LA ROVÈRE, A. L.; VIEIRA, L. **Tratado das ONGs aprovados no Fórum Internacional de ONGs e Movimentos Sociais no âmbito do Fórum Global**. Rio de Janeiro, Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento. 1992.

MANNRICH, M. E.B. **Pão por Deus**: um resgate na nossa cultura. Florianópolis,2003. 157 f. Dissertação (mestrado em literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003

MORAES, M. C.; TORRE, S. **Sentipensar:** fundamentos e estratégias para reencantar a educação**.** Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, M.K. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001. 224 p.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. – São Paulo: Brasiliense, 2012

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, M. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. **Educação e Pesquisa**. v.36, n.2, p. 539-553, 2010.

SAMPAIO, R. M. W. F. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994, p. 239.

SASSET, R. S. **O Protagonismo de Quem se Transforma Para Transformar**: Experiências inovadoras da Educação Básica e do Ensino Superior. Projetos Integradores e Articulação dos Saberes no Curso Técnico em Agropecuária. Imprenta Jivas Editores-Impressores, La Paz - Bolívia. 2016, p. 62-64.

SATO, M. **Educação para o ambiente amazônico**.1997. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Ecologia e Recursos. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, 1997

ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZWIEREWICZ M. **Material didático curso de Pós-Graduação Especialização Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos** – PROEJA. Unidade Curricular Seminário De Pesquisa E Intervenção I. Florianópolis – SC. IFSC, 2014.

ZWIEREWICZ, M.; TORRE, S. **Uma escola para o século XXI**: escolas criativas e resiliência na educação. Florianópolis: Insular, 2009.